

coleção
reconstruir

SONIA RODRIGUES

EU SOU MARIA

Reconstrução livre de *Os doze trabalhos de Hércules*



Ilustração
BRANCA ESCOBAR

Conforme a nova ortografia

Formato

EU SOU MARIA / OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES

Coleção *Reconstruir*

Texto © 2008 SONIA RODRIGUES

Ilustração © BRANCA ESCOBAR

Ilustração © ANGELO ABU

Gerência editorial: Rogério Gastaldo

Coordenação editorial e de produção: Edições Jogo de Amarelinha

Assistência editorial: Kandy Sgarbi Saraiva e Solange Mingorance

Preparação de texto: Ronaldo Antonelli

Auxiliares de serviços editoriais: Andreia Pereira e Rute de Brito

Estagiária: Camila Amaral Souza

Edição de arte e diagramação: Jairo Souza

Revisão: Miriam de Carvalho Abões e Adriana de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Sonia

Eu sou Maria ; reconstrução livre de Os doze trabalhos de Hércules / Sonia Rodrigues ; ilustração Branca Escobar, Angelo Abu. – São Paulo : Formato Editorial, 2008. – (Coleção Reconstruir)

ISBN 978-85-7208-551-9

I. Literatura infantojuvenil I. Escobar, Branca.
II. Abu, Angelo. III. Título. IV. Título: Os doze trabalhos de Hércules. V. Série.

08-07201

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

4ª tiragem, 2018

Direitos reservados à
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.editorasaraiva.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

CL: 811041
CAE: 602139

SUMÁRIO

RISCO.....	5
APOSTA.....	9
ARMADILHA	13
ENIGMA	22
DESERTO	38
OÁSIS.....	55
ABISMO	82
ESCALADA	92
DOZE	102

Para quem desvendou o enigma com Maria.

Para o garoto bonito que ensinou
uma garota esquisita a ser feliz.

Para Jorge e o quase milagre do nosso reencontro.

RISCO



Eu sou Maria. Não sou cargueira, não sou vapor, não sou biscate, não sou doidona. Nem quero ser porque, depois que a gente vira, deixar de ser fica difícil.

Tenho 14 anos, vou fazer 15. É importante

dizer o que eu não sou, porque minha vizinha cumpre três anos no Educandário Santos-Dumont, na Ilha do Governador. Quatro meninos que cresceram comigo estão na “boca” e duas colegas engravidaram de caras que conheceram em bailes *funk*. Esbarraram, ficaram, engravidaram.

Eu moro na favela, que as pessoas chamam de comunidade. Eu me sinto idiota chamando assim, porque comunidade é uma palavra menos bonita do que favela e não muda nada do que a favela é.

Tenho implicância com palavras. Tenho implicância com um bocado de coisas, mas com palavras e nomes tenho mais. Meu nome de verdade é Priscila Maria, um nome composto que também acho idiota. Só não é pior que os apelidos que me colocam na escola desde pequena. Pri, que ideia chamar alguém de “Pri”! Eu sou apito, por acaso?

Eu gosto mais de estudar que de trabalhar, o que é ruim, porque não vou para a rua ajudar minha mãe, que é camelô.

Descobri o Prêmio Monteiro Lobato, Jovens do Futuro, na casa do Gero, meu vizinho. A mãe dele montou uma *lan house* aqui na favela. Comprou dois computadores usados, colocou na sala e cobra um real por hora para a gente usar. Isso foi no ano passado. O Gero toma conta, e foi assim que eu conheci ele. Porque gosto muito de mexer em computador. Outro dia, entrei lá e vi o cartaz na parede.

Concurso de redação para jovens de 14 a 21 anos. Prêmio para 36 jovens estudarem durante um ano no colégio no Rio de Janeiro. Curso grátis, passagem, comida, material escolar. Os doze melhores receberão bolsa para o curso que escolherem depois. Ensino Médio e universidade. Até o fim. Com tudo pago. Isso é o melhor. Porque a bolsa ajuda, mas como é que eu vou estudar num colégio bom, numa universidade depois, sem ajuda para passagem, para alimentação, para comprar livro? Bolsa só não resolve, pensei. Mas essa é uma “bolsa tudo”. Essa eu quero.

Fui lendo em voz alta, empolgada, esqueci até que o Gero estava lá, mas, quando terminei, ele estava olhando para mim e sorrindo. Disfarcei, entrei no *site*, li o roteiro do que precisava constar na redação e estou enviando uma para concorrer.

O roteiro diz que é para escrever com sinceridade. O que a gente é, onde a gente mora, como a gente vive.

Sou estudante do nono ano de uma escola pública de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Não estou atrasada na escola, apesar de não ser boa aluna. Parece que é um defeito, mas não é, porque eu quero ser boa aluna e, se vocês me derem essa bolsa, vou ser.

Minha escola é velha, suja e feia. Meus professores ensinam coisas que eu não consigo aprender. Meus colegas que falam “já é”, “formou”, gritam na sala. Alguns professores imitam o jeito deles de falar para ficar bem com a turma. Os professores que não imitam chegam a ficar roucos de gritar para o pessoal parar de bagunçar, e eu não consigo aprender nada.

Minha mãe se juntou cedo com meu pai. Ele é uma pessoa legal, mas foi embora. Tenho dois irmãos mais novos que eu, e até o ano passado minha mãe cuidava da gente e da casa com a ajuda de bolsas do governo. Esse ano conseguiu vaga para os meus irmãos no mesmo horário em que eu estudo e começou a trabalhar de camelô no calçadão de Alcântara.

Minha mãe não conheceu o seu pai, minha avó é alcoólatra. Minha mãe tem medo, o tempo todo, do “rapa”, dos traficantes, da polícia, dos bailes *funk* que acontecem por aqui. Eu não quero ter medo de tudo o tempo todo. Por isso eu quero a bolsa. Para sair.

Não tenho medo. Tenho é raiva. Das coisas que a mãe tem medo. Dos caras que minhas amigas conhecem nos bailes *funk* e maltratam elas, mas quando eu digo para elas largarem mão dos caras, elas ficam contra mim, dizem que eu não sei nada porque não aproveito a vida, porque minha mãe não deixa, e aí fico com raiva de minhas amigas, de minha mãe e das coisas de que minha mãe tem medo. Eu não quero ter raiva o tempo todo.

Acho bom ser como sou porque assim não engravidado aos 14 anos, não passo mal de vomitar com bebida, nem fico ligada em quem vai ser preso ou morrer cedo, como já aconteceu com várias meninas que eu conheço. Mas me sinto metida escrevendo isso e não queria me sentir assim por ser diferente.

Não sei quem foi Monteiro Lobato, sei que tem a ver com o Sítio do Picapau Amarelo a que meus irmãos assistem na TV. Fiz tudo como ensina o *site*. Onde moro, onde estudo, como vivo, por que eu quero ser uma das 36 escolhidas. Fui sincera. Usei o corretor ortográfico e passei algumas frases na internet quando tive dúvida se estava escrevendo direito. Ao todo, gastei seis horas na *lan house* da mãe do Gero para fazer essa redação digital. Tomara que eu ganhe o prêmio. Sem querer ser metida, mas já sendo, acho que mereço ganhar.



APOSTA



– Ela está na listagem da pré-seleção.

– Sou contra. Acho que essa menina vai causar problemas. O desnível é grande demais.

– Como assim? Dos 86 que vieram na primeira lista, 48 têm o mesmo

perfil que ela. Favela, mãe sozinha, escola fraca, amigos da mesma idade no tráfico...

– A diferença é que os outros nós descobrimos no questionário social. Ela declarou tudo na primeira carta. Prefere perder.

– Eu concordo com a Jussara que é o mesmo perfil e discordo de você de que ela prefere perder. Está ganhando até agora. O edital falava em sinceridade.

– A entrevista com a mãe depõe contra. Ela precisa levar os irmãos à escola, é a mais velha, a gente vai despir um santo para vestir o outro.

– Os irmãos são um problema da mãe, da família. Nós somos a comissão julgadora de um concurso de redação.

– Como educadoras, temos de considerar todos os elementos envolvidos.



Candidata: Maria



– A assistente social acha que a situação familiar pode impedir que ela vá até o final do curso preparatório.

– Cláudia, o edital prevê isso. Nós vamos selecionar 36 para o curso, e só doze receberão o prêmio. Você não quer deixar nem que ela tente.

– Não é nada pessoal. Acho apenas que outros candidatos demonstram mais equilíbrio, menos raiva contra situações adversas do que essa menina. Ela parece agressiva, ressentida. Crítica demais em relação aos colegas, aos professores, aos vizinhos.

– Se ela fosse ressentida, nem tentava conseguir a vaga, e todo adolescente de 14 anos que eu conheço é crítico demais em relação aos colegas, aos professores e aos vizinhos.

– Bom, não podemos perder a tarde toda discutindo a candidatura de Maria.

– Priscila Maria.

– Cláudia, ela prefere ser chamada de Maria, apenas.

– Nem sempre a gente pode ter o que quer. Nós vamos tirar a menina do ambiente dela, sem convicção de que ela vai se adaptar a um ambiente novo.

– Nós vamos escolher 36 jovens para saírem do ambiente deles, sem certeza de que eles vão se adaptar ao ambiente novo.

– As notas dela são apenas medianas, muitos dos que estão na listagem se destacam numa coisa ou em outra. Vários com nove, dez em Matemática. Matemática, vejam só! Podem ser gênios.

– Podem também só saber Matemática.

– Eu não estou dizendo, Jussara, que devemos só escolher os que são bons em Matemática, existem os que têm ótimas notas em Redação, cartas de candidatura muito melhores do que a dela.